

PIXAÇÃO

AARTE EM CIMA DO MURO

LUIZ HENRIQUE PEREIRA NASCIMENTO



PICACAO

A ARTE EM CIMA DO MURO

LUIZ HENRIQUE PEREIRA NASCIMENTO

Editora Monstro dos Mares
Cachoeira do Sul, Inverno de 2015.

Copyleft: Todos os direitos reversos

“Atualmente existe um amplo movimento de protesto e transformação social em grande parte do planeta. Ele possui um potencial enorme, mas ainda não está completamente consciente disso. Embora sua origem seja antiga, só se manifestou recentemente, aparecendo em várias ocasiões sob os refletores da mídia, porém trabalhando dia a dia longe deles. É formado por multidões e singularidades, por retículas capilares no território. Cavalga as mais recentes inovações tecnológicas. As definições cunhadas por seus adversários ficam-lhe pequenas. Logo será impossível pará-lo e a repressão nada poderá contra ele. É aquilo que o poder econômico chama ‘pirataria’.”

WU MING

Ficha catalográfica elaborada por Celvio Derbi Casal, CRB10: 2278

N244p Nascimento, Luiz Henrique Pereira
Pixacao: a Arte em Cima do Muro / Luiz Henrique Pereira Nascimento.
– Cachoeira do Sul : Monstro dos Mares, 2015.
72 p.

ISBN: 978-85-68845-01-1

1. Arte - Pixação. 2. Arte - Filosofia. I. Rodriguez, Juan Jose. II. Iberian Proteus. III. Valler, Junior. IV. SABOT. V. Título

CDU: 1:7.067.26

Fotos:

Juan Jose Rodriguez - Iberian Proteus / Junior Valler / SABOT
Luiz Henrique Pereira Nascimento

Hackeado por:

Editora Monstro dos Mares

Cachoeira do Sul, Inverno de 2015.

monstrodosmares.milharal.org

facebook.com/editoramonstrodosmares

monstrodosmares@riseup.net

Baderna seja louvada!

Khynhu Prestes in memoriam

Dedico este livro a todos que já buscaram se aproximar da pichação de forma não violenta, que ao menos tentam enxergar beleza onde ela parece não brotar mais. Como meus filhos e esposa, que aprenderam a ler o alfabeto do pixo junto comigo. Dedico às pessoas que não pretendem moralizar o pixo com ideais fascistas, mas sim elevar o nível do debate sobre a pichação e a nossa sociedade.

E, lógico, dedico também, a todos que fazem arte. Afinal, a arte vai salvar o mundo.

PIXAÇÃO
Mais resistente e combativa
que a arte contemporânea!

**UMA
CASCA
E NOZ**

umacascadenoz.com.br



MICROFINANCIAMENTO / CROWDFUNDING

Este livro tornou-se possível através da ação coletiva de financiamento no “Catarse.me” durante os meses de Junho e Julho de 2015. Nesse período da campanha, infelizmente perdemos a companhia de nosso irmão e uma das pessoas que ajudava a puxar nosso bonde editorial.

Dedicamos esse livro ao compa *Khyuhu Prestes* e todas as pessoas que muito gentil e esperançosamente contribuíram para a realização desse projeto.

Super obrigado!

Aidan Luiz Franhan

Alain Pierre Alban François

Alexsandro Silva

Alyne Rangel

André Marques Da Silva

Andrea Nunes Dias

Antonio Jose dos Santos Filho

Bruna Cabral

Carol Mantovani

Celvio Derbi Casal

Claudio Mendes

Danina Fromer

Edilton Ernani Karas

Emerson Folharini

Enrico Gastaldelli

Eric Bordalo do Vale

Fabio Maciel

Gabriela Bueno Santos

Gerd Sparovek

Gilberto Garcia da Costa Jr

Guilherme Brandão

Gustavo Campello

Iuri Flores Ortiz

Janaina Do Carmo Lourenço

Jeronimo “Burns”

João Carlos de Moraes

João Siqueira

Jonas Regio Lopes Correia

Júlia Valdelírio

Junior Valler

Jussara Leite

Leandro Falchero

Levi Tavares Rodrigues

Luiz Claudio Martins Baltar

Luiz Felipe
Luiza Carosini
Lygia Bessa
Marcela Kröeff
Marcela Martins de Oliveira
Mariana Martins
Mariele Furlan
Mário Martins
Micheli Lemmertz
Mônica Vieira
Naára Tati
Paulo Roberto Costa Cruz Junior
Pedro Aguiar Chavedar
Rafael de Farias Araujo
Rodrigo Ortiz Vinholo
Rodrigo Rezende
Ronald Ansbach

Thais Ribeiro Bueno
Thiago Abreu Sírío
Tiago Jaime Machado
Tore Forsberg
Victor Ricardo de Souza Filipi
Wandes Santos Leão Miranda
Washington Freitas



SUMÁRIO

Prefácio	11
Apresentação.....	15
Primeiros traços	17
O mundo das artes	21
A ética privatizada na sociedade contemporânea	31
Ganhando a senha do Movimento Pixo	45
Considerações finais	57
Entrevista Pix-o: Guto LAK'DOS	63
Referências bibliográficas	69



Handwritten graffiti and tags on the central part of the building facade, including words like "COMET", "UVA", "VEY", "COPE", "N S", "KREIS", "NDH", "BAR OES", "YAK", "OS", "T-BAR OES", and "A".

Vertical graffiti and tags on the right side of the building facade, including the word "LUTATA" and various symbols and letters.

PREFÁCIO

O ser humano sempre teve uma ânsia ontológica de manifestar seu comportamento mental e transcendental através da matéria e de suas varias formas de ferramenta que a mesma propicia. Dentro deste conceito ele é fortemente atingindo pelo contexto no qual vive. A obra “Pixação: A arte em cima do muro” mostra claramente que o PIXO é mais do que uma manifestação humana, e sim, no âmbito sociológico, uma manifestação de classe, pois esta arte tem acima do contexto artístico um cunho social politico. É um grito que se estampa nos prédios, ruas e monumentos das cidades, com o foco de mostrar que a rua e a arte é um órgão vivo e não pode ser manipulado pela minoria. Para a poetisa Rocheli Almeida o pixo é “Uma forma do Ser dizer para as cidades que ela esta ali que existe, que foi ela quem a construiu, e que não merece morrer sufocada entre as paredes cinzentas da desigualdade” (Witmarsum, Santa Catarina, 2013).

O autor deixa claro que a pixação evolui conforme a conjuntura social, mesmo esta arte estando já fixada na estrutura social historicamente falando. Uma obra que impacta o leitor e provoca-o a conhecer esta atmosfera alternativa. Uma atmosfera que reage com um contexto mutável, por

isso esta arte marginalizada se torna um grito provocativo da margem. A obra explana o quanto ainda esta arte contemporânea é mal compreendida devido os rótulos que a mesma recebe pela classe dominante, ou seja, por mais que exista uma resistência, vivemos uma ditadura onde a democracia se torna uma grande utopia. Todo conteúdo nos faz pensar na hipocrisia que vivemos sistematizadas pelos poderes públicos, pois se torna incoerente rotular a liberdade de expressão como crime ambiental, e ao mesmo tempo perceber as grandes madeiras acabando com nossas florestas tropicais. A pixação existe porque vivemos em uma sociedade violenta. A todo momento somos violentados pelo poder público. Somos estuprados pelos três pilares do poder, tanto o legislativo, quanto o judiciário e o executivo que são corrompidos pelas grandes empresas, bancos e industrias, sobrando as migalhas para a maioria, que encontra na arte de rua uma forma de expressar sua indignação, diante de um sistema que através das grandes mídias produzem seres robotizados pela situação.

Recomendo esta obra a todos indignados com o sistema falido do capitalismo, recomendo aos não conformados, aos revolucionários do novo tempo. Recomendo aos verdadeiros ativistas culturais que não permitem serem engessados pela podridão da TV, aos tumultuadores que lutam pela maioria que ainda se acovarda e se acomoda pelos programas miseráveis do governo, aos pensionistas que se humilham nas filas do INSS uma das instituições mais falida de nosso país, pois quão bom seria ter um pixo em cada INSS com os dizeres “só estamos aqui porque pagamos por este direito”. Que esta obra alcance os heróis da revolta, os verdadeiros esportistas que o Globo Esporte não ousa passar, pois escalar uma montanha é lindo, mas escalar um prédio de 30 andares e mostrar sua arte é maravilhoso. Me senti

honrado em contribuir com meu mínimo aqui, mas rogo que esta obra atinja o máximo, para mostrar para nossas crianças a arte da rua, do favelado, do revoltado, para que elas cresçam com o sonho de ir para Disney, mas para poder pixar na máscara do Tio Patinhas “Que o seu capitalismo é um ato de vandalismo com a nação humana”. Boa leitura! Aqui só mais um marginal.

- **Guido Campos**, Escritor de Literatura Marginal





APRESENTAÇÃO

A pichação é uma forma de escrita presente em grande parte dos muros e prédios dos centros urbanos brasileiros, um fenômeno que incomoda muitas pessoas, inclusive as autoridades públicas, por se apresentar como uma expressão de estética marginal, ilegível para a maioria.

Para alguns, a pichação constitui uma forma de expressão; para outros, mero vandalismo. Há, ainda, quem a considere uma forma de arte contemporânea. O presente estudo apresenta as implicações que levam a pichação, mais especificamente o Movimento Pixo da cidade de São Paulo, a ser considerada, concomitantemente, arte e crime por diferentes instituições da sociedade contemporânea, levantando diferentes pontos de vista lançados sobre a pichação e as relações desse fenômeno com a ética contemporânea e com a Teoria Estética de Adorno.



PNE PBO BO

RUA
NUNO

ATV
ATV
KTV

THOM
DRAMA
POM
ISAM
BAM

THOM
DRAMA
POM
ISAM
BAM

PRIMEIROS TRAÇOS

O presente livro faz uma reflexão sobre conceitos estabelecidos em torno de questões tais como os limites entre a arte e aquilo que não é arte. No âmbito dessas discussões, encontramos o caso da pichação, ora criticada e rotulada como vandalismo, poluição e crime ambiental, ora defendida como atividade política ou manifestação artística.

A pichação, assim como a necessidade de expressão por imagens, faz parte da história da humanidade. Em maio de 1968, as paredes de Paris estampavam diversas frases de protestos pichadas por jovens universitários. No Brasil, o mesmo acontecia durante a ditadura militar. É, no entanto, a partir de 1980 que esse fenômeno ganha características muito peculiares nas periferias dos grandes centros brasileiros. A pichação, especificamente no contexto do Brasil, acompanha o desenvolvimento urbano, o crescimento desordenado das grandes cidades e a formação de metrópoles como Rio de Janeiro e São Paulo. E, em cada um desses locais, assume características estéticas próprias. Porém, as similaridades são predominantes, desde o projeto criativo à técnica.

É preciso fazer uma ressalva sobre o objeto desta pesquisa, a pichação. Mais especificamente, a “pichação”, escrita com “x”, oriunda do Movimento Pixo, um fenômeno urbano que nasceu na cidade de São Paulo que reivindica seu caráter de movimento artístico, dotado de um estilo único e um visual específico, diferenciando-se das demais pichações encontradas pelo mundo. O Movimento Pixo foi ganhando força e adeptos ao longo dos anos e hoje é facilmente encontrada espalhada pelas cidades do interior paulista.

Mesmo tendo origem semelhante à do grafite, a pichação se difere em diversos momentos, sendo caracterizada por traços de uma cor apenas, em assinaturas de pichadores com letras e códigos ilegíveis aos leigos e à maior parte da sociedade. Outra característica da pichação é o fato de ser considerada crime ambiental segundo lei 9.605/98 - Art. 65, sob pena de detenção que pode variar de três meses a um ano, além de multa; caso o ato seja praticado em monumento ou coisa tombada de valor artístico, arqueológico ou histórico, a pena de detenção é maior e pode variar de seis meses a um ano, além da multa.

Com base no panorama descrito até aqui, o livro se estruturará conforme os capítulos descritos a seguir.

O primeiro capítulo, **O Mundo das Artes**, concentra-se em introduzir o leitor no mundo das artes e no universo do “pixo”, apresentando conceitos sobre a arte contemporânea e a pichação.

O segundo capítulo, **A ética privatizada na sociedade contemporânea**, apresentará uma reflexão acerca dos estudos sobre a ética na contemporaneidade, para que se possa fazer uma análise sobre o fenômeno artístico da pichação e as leis que a regulamentam.

O terceiro capítulo, **Ganhando a senha do Movimento Pixo**, trará reflexões sobre a estética da pichação paulista, contextualizando-a para que se faça uma análise da pichação como arte contemporânea, tendo como base a Teoria Estética de Theodor W. Adorno.

O quarto capítulo, **A intencionalidade do risco**, apresentará histórias e depoimentos de pichadores e pessoas que convivem com o universo da pichação. Além disso, fará uma reflexão sobre os riscos que um pichador corre ao longo de sua vida artística.

No final do livro, trago uma **breve conclusão** da minha pesquisa acerca do universo da pichação no Brasil e uma **entrevista** intrigante e esclarecedora feita com o pichador e artista de rua LAK'DOS.

Handwritten graffiti in blue and black ink at the top of the building, including the words "TIN GIO" and "AM".

Handwritten graffiti in red ink on the white wall, including the words "M h" and "100%".

ODONTOLOI
Clínica Geral
Ortodontia - Endodontia
Cirurgias - Radiologia
Fone: 3232-9786

Fronteira Sudeste
dos
Óculos
LINDA 300

ITAMI
LINDA 300



O MUNDO DAS ARTES

Talvez mais árdua do que definir o que é arte, a tarefa de enumerar a vasta literatura que trata do assunto é um desafio monumental a quem pesquisa nessa área. Desde os primórdios da filosofia já é possível encontrar grandes reflexões acerca dos conceitos de arte e de beleza. A própria educação da Grécia Antiga era um campo fértil para reflexões sobre o tema. Assim sendo, é importante já ressaltar aqui que as características e os conceitos que atualmente repousam sobre a arte contemporânea são bem diferentes daqueles que existiam tanto na Grécia Antiga quanto em outras épocas, como Renascimento e Iluminismo.

Os caminhos para se interpretar a história da arte são muitos, por isso, para este livro, a título de instrumento de análise, utilizaremos a visão do autor Roger L. Taylor, professor da Universidade de Sussex na Inglaterra, apresentada em seu livro: *Arte, inimiga do povo*. Como a pichação é vista como um problema social pela grande maioria da população e como arte por uma pequena parcela, acredi-

to que a posição filosófica de Taylor, que busca fazer uma análise sociológica da arte, pode ser mais produtiva para a pesquisa. Afinal, fazer uma análise profunda da história da arte demandaria um novo estudo.

Segundo Taylor, para os gregos, o conceito de arte estava muito mais vinculado à dedicação do artista a uma atividade específica do que ao impulso criativo. Nesse contexto, a obra-prima representava a perfeição, o mais alto grau de perícia de um homem na execução de sua arte. Na Grécia Antiga existiam distinções entre as artes liberais e imitativas praticadas pelos homens livres e as artes mecânicas, praticadas pelos homens servis. Na sociedade grega, as artes mecânicas eram colocadas em segundo plano, deixando o protagonismo artístico para as artes liberais e imitativas praticadas pelos eruditos de sua época.

No mundo antigo havia duas categorias, que a erudição moderna chama de artes liberais e artes imitativas. As artes liberais compreendiam as atividades de gramática, retórica, dialética, aritmética, geometria, astronomia, música, medicina e arquitetura, enquanto as artes imitativas incluíam poesia, escultura, sofística e o uso de espelhos e truques de mágicas. (TAYLOR, 2005, p. 56)

Na antiguidade, a obra de arte perfeita seria aquela que satisfizesse da melhor forma o propósito com o qual foi criada. Enxergando a arte por esse prisma, podemos entender o porquê da importância dada à perícia do artífice, à sua dedicação para alcançar níveis cada vez mais elevados na execução de sua arte, seja ela cozinhar, fazer um vaso ou pintar quadros. Seguindo-se esse raciocínio, é possível notar uma proximidade muito grande entre os conceitos de beleza e utilidade nas obras de arte.

É difícil imaginar como, ao longo dos séculos, o homem conseguiu ir de um conceito que aliava beleza e utilidade, no mundo antigo, a outro tão diverso e fragmentado, capaz de incluir a pichação em seu universo artístico, como acontece atualmente. Para isso, assumiremos a partir daqui, a posição filosófica de Roger L. Taylor, que diz que para entender essa transformação dos conceitos de beleza e de arte ao longo dos anos é preciso acompanhar também as mudanças sociais ocorridas na história da humanidade. Neste caso, se faz necessária uma análise social para compreender melhor a evolução da interpretação do conceito de arte como um produto cultural como defende Roger L. Taylor.

O autor explica em seu livro, que foi durante o século XVII que a burguesia começou a conquistar um papel de protagonista na história, em decorrência do aumento de seu poder aquisitivo. Com o tempo, essa burguesia passou a “empurrar” cada vez mais para o abismo a aristocracia rural e os antigos métodos de organização social.

Com o desenvolvimento de um novo mercado e o aparecimento das ciências modernas, a burguesia, reforçada por essas transformações sociais, começou a derrubar os hábitos mais antigos e conceituais. Tais acontecimentos despertaram uma reação da aristocracia, que buscou fundamentar antigos conceitos de um espírito aristocrata elevado e esclarecido. A criação de padrões absolutos de decoro e uma “essência nobre” contou com o fundamental apoio das artes e, por algum tempo, ajudou manter a distinção entre a aristocracia obsoleta e a cada vez mais influente burguesia. Segundo a lógica desse conceito de arte, o belo é representado pela nobreza, e no contexto da época, tal espírito nobre jamais poderia ser comprado, ou seja, alcançado pela burguesia.

Porém, essa forma de se pensar a arte não resistiu às transformações sociais e às revoluções culturais da época. É possível observar fortes transformações nos estudos da área de estética, entre elas aquela em que o belo, que antes era representado por elementos considerados nobres, passou a dar lugar a um belo particular, totalmente ligado às questões do gosto.

A insistência em considerar a arte basicamente uma questão de gosto, em vez de uma representação apurada de uma certa ordem social, é o movimento necessário para permitir, dentro da categoria de arte, o grau de flexibilidade necessário para a burguesia, como classe dominante, poder assimilá-la... Desse momento em diante, o desenvolvimento da arte fica amarrado ao desenvolvimento da burguesia. (TAYLOR, 2005, p. 63)

A partir desse momento histórico, é dado e definido o jogo das artes. Nesse jogo, o reconhecimento da obra de arte depende de todo um contexto social e da interpretação do espectador, e “o desenvolvimento da arte fica amarrado ao desenvolvimento da burguesia” (TAYLOR, *Op. Cit.*).

O que é belo para a burguesia, torna-se belo nas artes. Dessa forma, a arte, nesse contexto histórico, ganha uma utilidade política de demonstração de poder e não é mais definida segundo aquele conceito de utilidade do mundo antigo. Mais do que uma nova ordem social, surge uma nova ordem para determinar o que é belo e o que é arte. Acompanhando os passos da aristocracia, a burguesia mantém a arte como um divisor de águas entre as classes sociais.

A interpretação da arte não surgiu das percepções claras das mentes não preconceituosas, moralmente solidárias, e sim das necessidades sociais de grupos sociais específicos e dos meios através dos quais essas necessidades se mesclam. (TAYLOR, 2005, p. 206)

Esse conceito de arte permaneceu forte até a segunda metade do século XX, momento no qual vemos surgir uma certa liberdade em relação a um cânone ditado por uma classe social específica. A análise e as críticas feitas sobre o que seria arte e o que seria o belo ganharam considerável profundidade. No contexto da arte contemporânea, o pensamento de Richard Wollhem, grande nome da Filosofia da Arte, defende que o papel do expectador e sua interpretação, assim como a tradição cultural, sejam definitivos para determinar o que é arte em uma determinada sociedade. Segundo Wollhem (1994, p. 95), *“o que confere à arte a sua unidade é o fato de os objetos que nela ocupam lugar central terem sido produzidos sob o conceito de arte.”*

Ainda de acordo com Wollhem (1994), a arte não é fruto do acaso criativo, fazendo parte de um contexto social e constituindo um fenômeno essencialmente histórico. Mesmo assim, o autor prefere não buscar conceitos que determinem o que é arte, partindo por um viés que considera mais produtivo: o de identificar obras de arte. Talvez, buscar conceitos e teorias que determinem o que é arte seja a maior armadilha de todas na história da filosofia da arte.

No Mundo das Artes Contemporâneas o projeto artístico é mais relevante do que técnicas que se aproximam da perfeição, seguindo um cânone. O professor de Filosofia João Epifânio Régis Lima (2010, p.2), em seu artigo *“Arthur Danto e o fim da arte”*, nos dá um ótimo panorama do que devemos esperar da obra de arte contemporânea:

Tudo isso, agora superado, cede lugar à situação em que nos encontramos hoje, na qual não há mais regras definidas a serem seguidas ou manifestos a serem definidos na produção estética. Do mesmo modo, não há mais escolas ou vanguardas, mas uma pulverização das normas preceptivas e proliferação de conceitos e procedimentos, que desafiam a própria definição de arte.

Agora, não há mais uma cartilha ou cânone que prepara previamente o espectador das artes. Por exemplo, na época da arte barroca, os espectadores de determinada classe social já sabiam previamente que encontrariam obras com representações perfeitas das formas humanas e fortes contrastes entre claro e escuro. Já havia uma atmosfera prévia que preparava o espectador para aquilo que seria apresentado. No caso da arte contemporânea, é preciso que o espectador mergulhe no universo do artista, buscando conhecer, viver e participar de sua experiência criadora. Hoje, exige-se mais do espectador do que sua mera contemplação estética.

E é nesse contexto, nesse Mundo das Artes, que a pichação encontra um espaço para dialogar com artistas e pensadores. Se superficialmente analisada, a pichação assume o papel de ação transgressora de marcação de território que culmina no vandalismo e na depreciação do patrimônio público ou alheio. Ela pode usar como suporte tanto muros e fachadas de prédios em ambientes externos, quanto paredes, banheiros e ônibus em ambientes fechados. Talvez as principais características da pichação sejam o fato de privilegiar a escrita, o curto tempo de execução e o raro uso de cores. A partir dessas características, encontramos um universo à parte, de infindáveis possibilidades de pichação. Especificamente na cidade de São Paulo, encontra-se um

caso peculiar de pichação que já teve o nome de “Pixação”, escrito com “x”, reivindicado por seus autores. O desafio de pichar em lugares altos, a ilegalidade da ação, os suportes e ferramentas são os mesmos que podemos encontrar nas pichações feitas em outros lugares do mundo; porém, foi o padrão estético da Pixação de São Paulo que chamou a atenção de curadores e artistas. E essa curiosidade se deu, basicamente, por um padrão estético desenvolvido pelos pichadores de São Paulo, chamado Tag Reto.

Elemento central à identidade estética do movimento de Pixação de São Paulo, o Tag Reto é, em parte, uma herança visual dos cartazes, lambe-lambes e pichações das bandas de rock dos anos 80 na cidade. Tais bandas se inspiravam nas runas nórdicas para desenvolver sua tipologia. Com o passar do tempo, as bandas de rock encontraram novos suportes para a propaganda de suas músicas, evoluindo junto com a indústria gráfica. E foi na mesma época, entre 1980 e 1990, que o movimento de pichação ganhou força e adeptos na cidade de São Paulo. Derivando do visual das runas deixado pelas bandas, os pichadores paulistas desenvolveram um alfabeto e uma linguagem própria, muitas vezes hermética aos demais moradores da cidade. Com o passar do tempo, o estilo de pichação feito em São Paulo não só ganhou os muros, mas também nome e grande repercussão no mundo das artes contemporâneas.

O tag reto foi difundido pelos pixadores de São Paulo e é mais do que uma assinatura, já se tornou um estilo caligráfico. É usado para padronizar o logotipo dos pixadores e surgiu como elemento diferenciador de grupos que buscavam desenhos próprios para as letras.

Esse estilo é caracterizado por letras retas, alongadas e pontiagudas, pintadas com tinta spray ou rolo de tinta; letras que procuram ocupar o maior espaço possível no suporte. A ocorrência desse estilo de letras é típica e única no mundo. (LASSALA, 2012, p. 63)

Antes do Movimento Pixo, em outros países não havia uma palavra para designar o pichador, a palavra graffiti, definia tanto o que conhecemos por grafite quanto o que conhecemos por pichação. E ambas as artes são consideradas crimes, não havendo diferenciação entre elas do ponto de vista das autoridades. Apenas em meados de 2012 e 2013, começa a surgir o termo taggers para definir o pichador em congressos acadêmicos e eventos de arte, mesmo assim, para as autoridades, creio que nada mudou.

A pichação paulistana, sob o nome de Movimento Pixo, já esteve presente em grandes exposições, tais como: Né dans la Rue, da Fondation Cartier pour l'Art Contemporain na França, em 2009; 29ª Bienal de Artes de São Paulo, em 2010; e também na 7. Berlin Bienalle na Alemanha, em 2012. No Brasil, por sua difícil leitura e interpretação, a pichação causou questionamentos não somente nos espectadores, como também nos próprios organizadores da Bienal, que decidiram representá-la por meio de fotografias, vídeos e tags feitas em papel.

Como os próprios pichadores apontaram, a pichação não estava presente na Bienal, mas sim sua representação, afinal, segundo eles, a pichação também é ação política e o ato de pichar, uma arte.

Tudo isso nos leva a pensar e refletir sobre uma frase que fecha o texto de apresentação do Movimento Pixo no catálogo da 29ª Bienal de Artes de São Paulo: “*nem tudo que é arte o campo institucional é capaz de abrigar ou entender plenamente*” (BIENAL, 2010, p. 147).

Era madrugada, eles já estavam voltando pra casa. Dois rapazes e uma garota. Os dois rapazes tinham mais de 18 anos, a garota menos. Cansados, voltando de mais um rolê, de repente foram abordados por uma viatura da polícia militar. Como não havia nada de errado, drogas nem armas, ficaram tranquilos. O policial militar desceu do carro e deu a ordem de encostarem na parede, ia começar a famosa geral. Após revistados os dois rapazes, nada foi encontrado. Não satisfeitos, os policiais começaram a revistar as mochilas dos jovens. Também nada ilegal foi encontrado, mas os policiais ficaram satisfeitos em encontrar uma lata de spray. Afirmaram que todos deveriam ir para a delegacia pois estavam pichando. Os três ao mesmo tempo protestaram, dizendo que só estavam portando a lata e que não estavam pichando. Mas nas ruas, no meio da madrugada sem uma viva alma além dos policiais militares, se lembraram do velho ditado que diz: “quem pode manda, quem tem juízo obedece” e foram todos para a delegacia. Lá, eles foram enquadrados nas hipóteses da Lei 9.099/95, crimes de “pequeno potencial”, e por isso tiveram que assinar um termo de compromisso, assumindo a obrigação de comparecer ao Juizado Especial Criminal. Até onde todos que conhecem um pouco de lei sabem, portar spray não é crime. Mas nesse caso, se por ventura a ação penal contra eles prosseguir o promotor provavelmente chamará como testemunhas os policiais que fizeram a ocorrência. Em um país onde a lei funcione, seria impossível provar que eles estavam pichando, já que não estavam. Mas no Brasil, a palavra dos policiais militares tem fé pública, ou seja, o que eles disserem está valendo. Aí, ficaria a palavra dos rapazes contra a palavra dos policiais militares. Mas como eu disse, a lei não funciona muito bem no Brasil e até hoje os rapazes na foram chamados para comparecer ao Juizado Especial Criminal, e é bem provável que o crime que nunca existiu acabe prescrevendo.



SWIFT



A ÉTICA PRIVATIZADA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Como é possível observar no cenário apresentado na seção anterior, a sociedade contemporânea encontra um universo artístico fragmentado, que rompeu com os cânones e que não conta mais com uma escola de vanguarda para ditar tendências estéticas, regras e rigores a serem seguidos. Em contrapartida, a liberdade encontrada no fazer artístico é um contraste se comparada à liberdade ética e política da sociedade contemporânea.

Segundo a filósofa Suze Piza em seu artigo *Da impossibilidade da ética, da política e da liberdade na modernidade* (2010, p. 85), é possível afirmar que a sociedade contemporânea segue padrões de uma organização social burguesa, baseada no capitalismo e na propriedade privada. Essa organização, por valorizar o privado em detrimento do público, culmina na exclusão social, e conseqüentemente na violência, conforme se pode observar na reflexão da autora:

O que impede a constituição da esfera pública na modernidade? Uma das respostas mais óbvias é: a violência. A violência expressa por meio da desigualdade. A desigualdade real, econômica, é marca da violência em nossa sociedade. A desigualdade, a não igualdade, impede que haja um corpo coletivo, e, portanto, uma esfera pública. É condição para que haja uma esfera pública, a igualdade.

Refletindo por esse prisma, podemos considerar que vivemos numa sociedade desigual, e que, para existir liberdade, ou seja, indivíduos realmente livres, seria preciso existir primeiro, igualdade social, de condições de vida humana. Como o ideal de livre mercado capitalista valoriza acima de tudo o acúmulo de propriedade privada e a concorrência, pode-se dizer que, de acordo com a moral burguesa vigente, vivemos em uma sociedade de homens livres; porém, uns são mais livres que outros, dependendo de suas posses, como se a liberdade fosse transformada em um produto. Além disso, é preciso considerar que tal sistema não só limita a liberdade dos menos favorecidos, como também pode chegar a tornar essa liberdade praticamente inexistente, no caso de miseráveis e desprovidos de qualquer bem. A moral burguesa que um dia ditou o que era arte, hoje dita o que é liberdade. A liberdade é resignificada pela burguesia. Agora, o sujeito não mais nasce livre como em Atenas, é preciso que ele conquiste sua liberdade na medida em que conquista posses.

Considerando que a ética, os valores, os princípios estão todos resguardados ao campo privado, e que a liberdade é escolha individual, afirmamos que a res pública não existe, e que, portanto, a política é regida pelas regras da vida privada. Numa sociedade desigual, individualista, ela é regida pela lógica das forças. Isso permite que a esfera política se torne apenas um campo da guerra, da força, dos desejos e vontades dos indivíduos. (PIZA, 2010, p.87)

Então, a face violenta da sociedade contemporânea está escondida atrás de interesses particulares de uma classe burguesa que não trata mais o sujeito como sujeito, mas sim como um objeto de utilidade e interesse. A autora, reforçada pela tradição da Filosofia Política, nos lembra que onde

há violência não pode haver ética. Todo comportamento violento é antiético por si só. Toda sociedade que se utiliza da violência para se afirmar acaba por impossibilitar uma convivência ética entre os indivíduos. E, nessa sociedade violenta, conforme afirma Piza (2010), a burguesia, que dita as regras, entende apenas de moral e não de ética.

E é justamente dentro dessa sociedade desigual que surge o fenômeno da pichação. Um fenômeno que, como já dito, apresenta não só mais de uma face, mas também, faces que podem ser conflitantes: a face de arte e a face de crime. Afinal, além de crime ambiental, a pichação é considerada vandalismo pela sociedade atual. Ela é uma violência aos muros que protegem uma pseudoliberalidade individual do cidadão. Cidadão este que não compreende e não consegue ler a pichação, o que redobra ainda mais a sua indignação sobre o fenômeno. Para ele, o que seria apenas o sintoma de pele de uma sociedade violenta é sim o grande estandarte da violência. Busco nas palavras de Piza (2010, p. 87) uma importante reflexão sobre esse conflito: *“(...) como um indivíduo que é uma ilha, que vive fechado atrás de seus muros, que tem como foco central da vida a realização no dia a dia de sua individualidade, vai viver em sociedade.”*

Como regular a ética numa sociedade na qual ela foi privatizada? Esse é o grande dilema encontrado por filósofos contemporâneos. Em sua análise, Valcárcel (2005) nos mostra que o que realmente existe é uma rigorosa moral, uma estética pública do bom comportamento. Por mais produtivo que um comportamento possa ser para a liberdade, ele sempre será condenado por essa ditadura moral. Voltando ao caso da pichação, talvez os muros sejam o grande símbolo da propriedade privada na sociedade contemporânea

e, não por acaso, também sejam um dos suportes preferidos dos pichadores, que encontram aí a visibilidade que desejam para sua manifestação, impondo-se como cidadãos que não querem ser violentados, que não querem ser considerados súditos, objetos de utilidade e interesse, ou simplesmente esquecidos. Sendo assim, o exemplo do conflito entre o pichador que vandaliza o muro e o indivíduo que se protege numa moral que se diz ética deixa clara a questão da guerra de interesses de diferentes classes da sociedade contemporânea. E é justamente dessa guerra que surgem as faces da pichação como arte e como crime.

E naturalmente, em tais condições, o que fica é uma política privada, de cada um, que pretende que a ética seja a estética do público e reclama para si, por cima ou por baixo, um estatuto distinto. (VALCÁRCEL, 2005, p. 56)

Já é possível então, notar o combustível desse motor que continua girando entre a pichação e sua repressão. A luta entre desejos particulares em uma sociedade desigual perpetua o conflito, tornando cada vez mais difícil o diálogo entre as partes, cada uma do seu lado do muro. Mas paremos um segundo para refletir: e se a pichação não estiver nos muros?

Em 2010, a Nike, uma das maiores multinacionais fabricantes de produtos esportivos e fornecedora oficial da Seleção Brasileira de Futebol, criou uma camiseta que se utilizava da grafia e da estética do Movimento Pixo de São Paulo. O design das camisetas foi criado pelo então artista plástico Nunca, que grafita desde os seus 12 anos em São Paulo. Da mesma forma, hoje é possível ver essa estética da pichação estampada em diferentes grifes de roupas, equipamentos de skate e uma vasta variedade de produtos, sendo incorporada

também na comunicação publicitária de grandes marcas. No entanto, seria mais interessante nos atermos, neste momento, ao exemplo das camisetas da coleção Nike True Colors.

Criada como edição limitada de uniformes de uma das marcas mais caras de artigos esportivos, a coleção Nike True Colors, contou com um evento de lançamento e ampla repercussão na mídia. Assim, ao ser estampada nas camisetas da Seleção Brasileira de Futebol, a pichação não somente se tornou aceita pelo senso comum e pela crítica, como também passou a ser desejada por milhares, e quem sabe, milhões de consumidores, de indivíduos que possuem um poder aquisitivo considerável e que vivem como ilhas cercados por seus muros. O espanto causado por tamanha aceitação foi um dos destaques na notícia do Blog Typograff:

O que me chamou a atenção, é que a Tipografia criada pelo Nunca, é muito inspirada nos muros de São Paulo, ou seja, a PIXAÇÃO. E o legal, é que a pichação não é aceita por todos, e muitos só comprarão por que é da NIKE. (TYPOGRAFF, 2010)

Outro fator que chama a atenção é que a Nike é mundialmente conhecida por utilizar-se de mão de obra infantil, algumas vezes em condições análogas à escravidão, em diversos países que possuem uma legislação mais permissiva, tais como Costa Rica e China. Neste caso, o que parece ser o ponto alto do conflito de interesses e contradições da moral burguesa e a ética privada é o fato de a Nike também ser considerada uma das grandes responsáveis pelo descarte irresponsável de resíduos tóxicos em rios, o que já tornou quase 70% da água doce da China praticamente estéril.

Um ano de pesquisa revelou que a indústria têxtil na China é a principal responsável pela alta concentração de poluentes extremamente perigosos nas águas de importantes rios do país. As substâncias, para além das fronteiras chinesas, vêm viajando mares afora e já foram encontradas até no organismo de ursos polares. Na ponta desta cadeia, nomes como Nike, Adidas e Puma. (GREENPEACE, 2010)

Em outras palavras, a pichação só é legitimada e aceita pela sociedade quando é estampada na camiseta de uma importante indústria de artigos esportivos. Ou seja, ela só é reconhecida como arte e moda, e deixa de ser encarada como crime ambiental, quando se torna cúmplice de ações danosas ao meio ambiente. Ela é legitimada quando serve à razão instrumental da sociedade contemporânea, na qual até mesmo a arte deve possuir um valor de mercado. Qualquer um que adquirir uma dessas camisetas, provavelmente não será considerado pela moral burguesa vigente como cúmplice da pichação, mas sim um portador de status elevado, primeiramente pelo alto preço da peça, e em segundo lugar porque possui um objeto exclusivo, de uma edição limitada. O alto custo e a exclusividade são as formas pelas quais o “indivíduo” se diferenciará dos “vândalos”. Nesse momento, a classe burguesa mostra uma de suas armas nessa guerra de interesses e desejos.

Os pichadores, por sua vez, não receberam a notícia de uma coleção exclusiva com a estética do Movimento Pixo com tanto entusiasmo. É possível encontrar em diversos blogs e sites que tratam do assunto depoimentos negativos. Parodiando uma famosa música do grupo Mundo Livre SA, chegam a dizer que “Pichadores fazem arte. Artistas fazem dinheiro”. Para o lado de fora, que está além dos muros, a pichação é mais do que uma ação estética, é a arte que incomoda. É o Terrorismo Poético de Hakim Bey (2003):

(...) faça-o para aquelas pessoas que não perceberão – pelo menos não imediatamente – que aquilo que você fez é arte. Evite categorias artísticas reconhecíveis, evite politicagem, não argumente, não seja sentimental. Seja brutal, vandalize apenas o que deve ser destruído, faça algo de que as crianças se lembrarão por toda a vida, mas não seja espontâneo, a menos que a musa do TP tenha se apossado de você. Vista-se de forma intencional. Deixe um nome falso. Torne-se uma lenda. O melhor TP é contra a lei, mas não seja pego. Arte como crime, crime como arte (...)

Hakim Bey acreditava que, em uma sociedade altamente controlada, a arte e o espírito criativo se confundiriam cada vez mais com a contravenção e o crime. De acordo com esse raciocínio, ser criativo é subverter a ordem normativa das coisas, é afrontar a moral estabelecida. É romper com o código de estética pública vigente, fugindo da padronização cada vez mais evidente numa sociedade que não respeita a subjetividade do indivíduo.

Barchi, em sua tese de mestrado sobre pichação, desenvolvida sob a perspectiva da educação ambiental libertária, levanta a hipótese de que a pichação foi gradualmente sendo transformada em sujeira, poluição e finalmente crime ambiental pela moral vigente não pelo fato de causar danos à vida, à saúde e ao equilíbrio ecológico onde se encontra, mas porque é alvo de uma tentativa de controlar um fenômeno que ganha espaço na vida dos jovens e nos muros das cidades. No fundo, Barchi acredita que o grande fato que motivou o enquadramento da pichação como crime ambiental é o fato de ela não respeitar e não se adaptar ao modelo de limpeza e de estética instituído pela sociedade. Concluindo seu pensamento, ele mostra a inconsistência lógica tanto do código penal quanto do modelo de limpeza da sociedade em relação à pichação.

Ao contrário de moscas, baratas e camundongos, cuja nocividade é aparentemente comprovada pela ciência – devido às mais diversas doenças que esses seres disseminam – as pichações, tratadas da mesma maneira, até agora não demonstraram nenhuma possibilidade de causar chagas físicas nos seres humanos. (BARCHI, 2006, p. 119)

Outra tática cada vez mais difundida no combate à pichação é o que os pichadores chamam de “grafite aliado”. Embora sejam artes distintas, com objetivos e propósitos diversos, o grafite e a pichação possuem origens muito próximas, sendo ambos movimentos nasceram nas ruas. Em consideração a esse parentesco, pichadores e grafiteiros sempre conviveram em harmonia, sem que um “atropelasse” a arte do outro. “Atropelar”, no dialeto dos pichadores, significa passar por cima da arte alheia, seja grafitando sobre uma pichação ou, no caso inverso, pichando sobre um grafite.

O chamado “grafite aliado” vem acabar com essa harmonia, propondo uma paz para os proprietários de muros e prédios. Sendo o grafite algo mais inteligível para a sociedade, ele é mais facilmente assimilado como arte, podendo então estampar e valorizar diversas fachadas da cidade. Grande parte dos grafites utilizados como combate à pichação conta com o próprio apoio da Prefeitura da Cidade de São Paulo, que financia e apoia diversos grafiteiros. Com isso, hoje, é cada vez mais comum ver grafites que foram feitos sobre pichações serem “atropelados” pelos pichadores, que fazem questão de pichar e cobrir o maior espaço possível sobre os desenhos feitos pelos grafiteiros.

Nesse ponto da pesquisa, o que mais intriga nesse embate de interesses e desejos entre pichadores e grafiteiros não é a mera disputa por espaço e exposição, mas sim a questão do crime ambiental. Como dito anteriormente, a própria Prefeitura de São Paulo apoia e financia grafites espalhados pela cidade. Ou seja, com a permissão da autoridade municipal, o grafite deixa de ser crime ambiental. E mais: o próprio proprietário do muro pode conceder tal permissão para o grafite. Caso um indivíduo deseje pichar ou grafitar o seu próprio muro, ambas as formas de expressão deixam de configurar crime ambiental. Isso nos leva a refletir sobre dois aspectos:

1. Por que é que, quando tem o apoio da prefeitura, o grafite deixa de ser crime ambiental e a pichação não?
2. Considerando que a segunda forma de expressão, a pichação, possui técnicas muito próximas do grafite, utilizando ainda menos tinta e diferenciando-se apenas por seu estilo estético, por que é que ela não seria digna de uma anistia do poder público, assim como aconteceu com o grafite? O segundo ponto é o mais complexo e talvez poderia dar origem a um novo estudo ainda mais extenso que o presente. Estariam o poder público e o proprietário de um simples muro no controle do meio ambiente para serem capazes de discernir ou determinar o que seria um crime ambiental ou não? Essa decisão não estaria muito além dos poderes de meros cidadãos? Dar tal poder às autoridades e ao indivíduo dono de uma propriedade privada não seria colocá-los acima do bem e do mal e das necessidades ambientais da nossa sociedade?

Embora tais questões povoem as mentes de pichadores, cidadãos e do próprio poder público, é notável que as partes estejam longe de encontrarem uma resposta coletiva e universal. Cada qual busca responder para si mesma seguindo seus interesses privados. Enquanto isso, continua-se a perpetuar-se a impossibilidade da ética na sociedade contemporânea. A justiça, carente de lógica, se mostra claramente ditada por interesses particulares, por isso, não tem sua legitimidade reconhecida pelo Movimento Pixo, assim como por Hakim Bey (2003), considerado um “profeta” entre muitos defensores da pichação.

Justiça não pode ser obtida por nenhuma lei. Uma ação que está de acordo com a natureza espontânea, uma ação justa, não pode ser definida por dogmas. os crimes defendidos nestes panfletos não podem ser cometidos contra o ‘si mesmo’ ou o ‘outro’, mas apenas contra a mordaz cristalização de ideias em estruturas de tronos e dominações venenosas... A lei espera até que você tropece num modo de ser, uma alma diferente do padrão de ‘carne apropriada para consumo’ aprovado pelo Sistema de inspeção Federal, e, assim que você começa a agir de acordo com a natureza, a lei o garroteia e o estrangula – portanto, não dê uma de mártir abençoado e liberal da classe média – aceite o fato de que você é um criminoso e esteja preparado para agir como tal.

É possível que a afronta sobre a propriedade privada, marca registrada da pichação, considerada um ato político pelos pichadores e admiradores, sirva apenas para alimentar ainda mais a violência e a falta de uma ética pública na sociedade em que vivemos. Porém, é preciso notar que, pela lógica dos pichadores, tal ato político se faz em busca da liberdade. Uma liberdade artística, que não busca o entendimento da sociedade ou soluções que lhes tragam liberdade no contexto social.

Com efeito, a liberdade absoluta na arte, que é sempre a liberdade num domínio particular, entra em contradição com o estado perene de não-liberdade no todo. O lugar da arte tornou-se nele incerto. A autonomia que ela adquiriu, após se ter desembaraçado da função cultural e dos seus duplicados, vivia da ideia de humanidade. Foi abalada à medida que a sociedade se tornava menos humana. Na arte, as constituintes que dimanaram do ideal de humanidade estiolaram-se em virtude da lei do próprio movimento. Sem dúvida, a sua autonomia permanece irrevogável. Fracassaram todas as tentativas para, através de uma função social, lhe resumirem aquilo de que ela duvida ou a cujo respeito exprime uma dúvida. (ADORNO, 1970, p.11)

Esse é o caminho e a linguagem conhecida por esse grupo social da cultura urbana para se expressar, mostrando que os muros de arquiteturas belíssimas escondem diversas imperfeições nos confins da cidade. Por isso, pode-se considerar que as pichações desafiam não somente as leis como também o entendimento e qualquer sentido ou função social que o sistema tente lhe conferir.

Ainda assim, de um ponto de vista particular, a pichação é considerada por muitos de seus adeptos uma atitude pessoal, que busca transformar o seu universo particular e não se preocupa em atuar em uma revolução que pretende mudar o mundo. Além disso, mesmo considerando tudo o que foi dito até agora, é impossível afirmar a eficácia desse ato político na busca pela liberdade no sistema em que vivemos, mas é preciso lembrar que é a liberdade que torna possível a ética. Embora a pichação possua autonomia e liberdade em seu universo artístico, não podemos cobrar dela essa liberdade para nossos fins sociais. Não se deve esperar que a pichação transfira essa liberdade para nossas realidades cotidianas. Agora, se considerarmos as

linhas do pensamento de Michel Foucault, só há ética se houver liberdade e igualdade. No atual cenário desigual da sociedade contemporânea, independente a visão particular de alguns pichadores, a liberdade pode ser considerada o primeiro passo para se romper com a ditadura de um conformismo travestido de bom comportamento e com a soberania da moral burguesa sobre a ética.

Somente na relação com indivíduos livres por meio da ação e do discurso é possível para o sujeito se diferenciar, mostrar seu valor e poder reconhecer-se na alteridade. Foucault fala de 'práticas de liberdade', nas quais não se trata de se ver livre do poder, mas da liberdade positiva, pública, isto é, a liberdade para constituir a própria existência segundo critérios estéticos: a ética do cuidado de si como prática de liberdade, ou seja, a 'liberdade como condição ontológica da ética' e a ética como a 'forma refletida que adota a liberdade'. (PIZA, 2010, p. 92)

Entediado, resolveu sair para deixar umas tags em umas ruas desertas que conhecia. De frente para o muro, começou a pichar e antes mesmo de terminar sua tag sentiu uma pontada bem dolorida na nádega. Achou que tinha sido picado por um bicho, verificou e nada. Quando voltou a apontar o spray para terminar sua tag sentiu outra pontada, agora na perna. Agora ele conseguiu achar enroscado em sua calça jeans um chumbinho, projétil das famosas espingardas de chumbinho.

Nesse meio tempo, viu outro tiro acertando o muro onde pichava, bem na altura de sua cabeça. Saiu dali o mais rápido que pôde. Colocou seu spray na mochila e seguiu em frente para sair do campo de visão do atirador, que provavelmente estaria em um prédio do outro lado da avenida. Mais à frente, encontrou uma viatura policial, foi até ela e fez a denúncia de que havia um atirador naquela região. Prontamente os policiais foram fazer uma ronda, passaram lentamente pela avenida com ele no carro. Não encontraram nada, nem sinal do atirador.

Os policiais os deixaram em um ponto mais próximo de sua casa ele agradeceu e encerrou o rolê daquela noite. Na noite seguinte, com dois hematomas, um na nádega direita e outro na perna, ele voltou naquela mesma rua. Dessa vez voltou mais tarde, já era madrugada e só então ele conseguiu terminar sua tag. Foi então que pensou e decidiu deixar outras duas tags, ainda maiores, no mesmo muro como uma resposta que só o atirador entenderia.



GANHANDO A SENHA DO MOVIMENTO PIXO

No século passado Andy Warhol dizia que no futuro todos teriam seus 15 minutos de fama. Agora que chegamos ao futuro, tudo é consumido e descartado em duas edições de alguma revista semanal. Poucas são as formas de arte descompromissadas com o sonho da fama e da grana. (BOLETA, 2009)

“Ganhar a senha” é uma expressão muito utilizada pelos pichadores. Ela se refere ao planejamento do ato de pichar, e acaba se estendendo para outros atos da vida. No caso da pichação, ganhar a senha significa fazer a leitura do suporte, prédio, ponte, muro ou outro qualquer, escolhendo onde pichar e verificando qual é o melhor lugar para subir, e já planejar uma rota de fuga em casos de emergência. Quando o pichador tem seu plano, ou projeto artístico em mente, diz-se que ele ganhou a senha do prédio, e está pronto para deixar a sua marca. Pode-se dizer que “ganhar a senha”, é um movimento de reflexão do artista sobre o suporte.

A pichação é polêmica e muitas vezes é encarada como mero vandalismo, condenada pela sociedade e autoridades em geral. Porém, no cenário da arte contemporânea, ela pode ser considerada uma arte que sempre busca inovações. Quando consideramos a pichação como arte que rompe com toda a tradição artística sustentada até então, nos deparamos com infinitas possibilidades. Nesse cenário, ou nessa abertura, é possível enquadrarmos a interpretação da pichação feita pelo Movimento Pixo como uma obra de arte. É justamente com base nos conceitos da arte contemporânea que conduzimos a presente pesquisa, evitando que ela se transforme em meras divagações ou em um estudo vago. Como instrumento de análise, para tal delineamento da pichação como arte, buscaremos apoio na Teoria Estética de Theodor W. Adorno. Embora o filósofo não tenha citado especificamente a pichação, o presente livro pretende apresentar possíveis ligações entre a sua teoria e o panorama atual da pichação em São Paulo, enquanto arte. Segundo Adorno (1970, p. 15), “as obras de arte são cópias do vivente empírico, na medida em que a este fornecem o que lhes é recusado no exterior e assim libertam daquilo para que as orienta a experiência externa coisificante.”

Para Adorno, o mundo contemporâneo é marcado pela indústria cultural, que teria liquidado a arte, sendo, com isso, preciso buscar novas possibilidades. Como citado anteriormente, Adorno considera que a arte tem um caráter libertador dessa realidade coisificante, que prende o indivíduo a sua existência mercadológica, dividida entre produção e consumo. Para enriquecermos ainda mais a análise dessa sociedade contemporânea que transforma a arte em produto e mero entretenimento, é preciso retomar

a alguns conceitos discutidos na sessão anterior, relativos a ética, que sugerem que na sociedade contemporânea há uma inversão dos valores desejáveis e imagináveis pelo senso comum. Nessa sociedade, em vez de termos uma ética pública que respeite os direitos de cada cidadão e uma estética privada que respeite a autonomia e a subjetividade de cada indivíduo, temos uma estética pública que dita padrões para todos e uma ética privatizada que coloca o consumidor e seu estatuto individual acima do cidadão.

Observando essa inversão investigada por Valcárcel (2005), busco outra inversão proposta por Adorno (1970), que, por sua vez, se dedica ao Mundo das Artes Contemporâneas. Segundo Adorno, o efeito mimético da arte, que em toda sua tradição imitou a natureza, na contemporaneidade tem uma nova interpretação, ou função. Agora, a arte não deve mais imitar a natureza como um objeto inerente à mesma, ou como parte histórica da natureza. A arte contemporânea deve virar as costas para a sociedade e jamais imitá-la. Deve negar essa natureza afirmada pela tradição da razão instrumental. Deve romper com a existência coisificante.

Sendo assim, para Adorno, agora, o efeito mimético da arte deve ser praticado pelo homem, pelo espectador, em direção ao universo diverso da arte. Em vez de a arte imitar a natureza, é o homem quem deve “imitar” a arte. É preciso que o homem, o espectador, faça uma imersão para o universo do projeto artístico, descobrindo seus sentidos, suas normas e suas próprias leis, para assim poder vivenciar uma experiência estética libertadora e prazerosa. Quando não há esse movimento, arte e espectador não se comunicam. Assim, a arte pode cair no não entendimento e na repulsa da sociedade, pautada pela razão instrumental.

O processo de repulsa deve continuamente renovar-se. Cada obra de arte é um instante; cada obra conseguida é um equilíbrio, uma pausa momentânea do processo, tal como ele se manifesta ao olhar atento. Se as obras de arte são respostas à sua própria pergunta, com maior razão elas próprias se tornam questões.
(ADORNO, 1970, p.15)

Para Adorno, no cenário contemporâneo, a arte deve negar não somente a sociedade, mas também a razão instrumental e a indústria cultural. Para ele, aí repousam os dois grandes males que afligem a vida do homem do seu tempo: a Razão Instrumental transforma até mesmo o lazer em utilidade, em uma ferramenta que mantém o sistema capitalista em pleno funcionamento, que leva o homem a um estado de não reflexão, de apatia frente à própria existência e até mesmo à barbárie; a Indústria Cultural, responsável por determinar padrões culturais e “artísticos”, pode ter seus produtos facilmente confundidos como arte no senso comum. Para Adorno, essa indústria não somente cria padrões para serem vendidos de forma massificada, como também aliena o homem, deixando nebuloso o próprio conceito de arte, já que esse mecanismo acaba por transformá-la em meros produtos. É nesse movimento que surge uma arte que se revolta contra a própria arte e que, como vimos, rompe com os cânones e elementos fundamentais das teorias essencialistas da arte.

Para Adorno, esse movimento mimético no qual o homem descobre novas possibilidades de normas e vivências é fundamental para se fugir da barbárie apática e não reflexiva para a qual caminha a humanidade. Para ele, a arte representa uma forte arma e a maior aliada do homem na luta contra a coisificação constante da existência humana martelada pela razão instrumental e a indústria cultura.

Por esse prisma, nos deparamos com formas de arte que respondem a si mesmas, que possuem lógica em seu próprio universo e que respeitam apenas suas próprias leis, apresentando acima de tudo novas possibilidades de existência e experiências estéticas libertadoras. A expressão “respeite apenas suas próprias leis”, certamente já nos encaminha para uma subversão do status quo, na qual a pichação se encaixa perfeitamente, mesmo que isso não seja um pré-requisito para que algo seja considerado uma obra de arte. Afinal, o que se pretende aqui não é, em momento algum, definir o que é arte, ou o que é essencial para uma obra de arte. Buscaremos analisar somente as características da pichação de São Paulo, e, em específico, as qualidades estéticas do Movimento Pixo, que se encaixam na Teoria Estética de Adorno. Lassala (2012, p. 83) já nos apresenta uma visão da pichação totalmente fora do senso comum, ao realizar essa imersão no universo dos pichadores, e consegue captar novas interpretações e sentidos.

A forma das letras das pichações tem estreita relação com o movimento do corpo dos pichadores. O fator humano e a condição em que são executadas as pichações influenciam o resultado final, portanto, as letras acabam sendo orgânicas, como extensão do corpo do interventor, e suas formas retas sofrem essa influência gestual por serem desenhadas rapidamente e, muitas vezes, em condições de pouco equilíbrio.

Nesse sentido, a produção das letras se aproxima do que, na história da arte, é definido como “action painting”, movimento, integrante do expressionismo abstrato e que, nos Estados Unidos, teve como principal artista representante Jackson Pollock.

Para os pichadores, todo um projeto artístico precede o que aos olhos da sociedade é apenas mais uma sujeira no muro. Tanto o uso de materiais, que podem ser rolos de espuma com tinta, ou spray, quanto o suporte (muros, monumentos, pontes ou prédios) interferem diretamente no seu resultado final. A visibilidade é algo importantíssimo no mundo dos pichadores, contribuindo para o “íbo-pe”, fator que representa a fama conquistada por eles. Por isso, quanto mais espaço uma pichação consegue ocupar e quanto maior visibilidade tiver o local pichado, melhor.

Mas, para tudo isso, é preciso que o pichador tenha alguns cuidados. Para que seja considerada uma pichação bem-sucedida, é necessário que todas as letras mantenham uma uniformidade no tamanho, desde a primeira até a última letra da palavra. E, embora deva ocupar o maior espaço possível, uma pichação jamais deve ser feita sobre outra, pois isso caracterizaria um “atropelo” e seria considerada um grave desrespeito no universo dos pichadores. Todos esses detalhes são observados antes da produção de cada rabisco, compondo, ao seu modo, uma norma própria da pichação.

Pixar é fácil, tudo é uma questão de ganhar a senha”, disse um pichador antes de uma de suas escaladas. A senha é o plano que o pichador traça antes de uma ação. Ele observa cuidadosamente o local e tudo o que pode funcionar como escada pra que ele chegue mais alto pra pixar. Ele analisa os principais obstáculos, descobre onde pode pisar sem ser visto, pensa na rota de fuga e analisa tudo pra só depois começar a subida. Gostei dessa frase e adaptei pra vida. Tudo na vida é mesmo uma questão de “ganhar a senha”. (BOLETA, 2009)

Além do spray, a modalidade de pichação com rolo de espuma é muito utilizada em alto de prédios e muros. Em alguns muros altos, alguns com mais de cinco metros de altura, os pichadores se utilizam da técnica chamada jeguerê, pela qual um pichador sobe em cima do ombro de outro, alcançando a parte superior do muro.

Isso explica os muros nos quais vemos uma parte mais baixa limpa e outra, mais acima, pichada, o que faz com que a maioria das pessoas fique imaginando como eles alcançaram tal altura. Em prédios, o suporte, concreto ou pastilha, por exemplo, também é estudado pelos pichadores, sendo que alguns deles dão preferência a paredes com pastilhas, pois acreditam que a pichação sobre pastilha é mais difícil de se remover do que aquela feita sobre concreto. Com essas diretrizes em mente, todas as noites, em São Paulo, inúmeros pichadores arriscam suas vidas subindo vários andares pelo lado de fora de um prédio, somente para buscar mais visibilidade.

É difícil entender o sentido da busca dos pichadores por visibilidade, sendo que a grande maioria das pessoas não entende a sua arte. Mas talvez seja essa justamente a forma de enfrentamento dos pichadores. Em uma sociedade desigual, em uma cidade como São Paulo, com sérios problemas sociais, eles tomaram para si o poder de criar uma linguagem própria, a exemplo de outros movimentos de pichadores espalhados por todo o mundo, e colocaram elementos próprios de seu universo, dando vida e características únicas para o Movimento Pixo. Trata-se de uma arte marginal sem valor de mercado, que não traz dinheiro, tão almejado na sociedade capitalista, mas que muito mais do que visibilidade, segundo os pichadores, traz

liberdade. Em uma sociedade na qual a ética privatizada torna uns homens mais livres que outros, talvez esse seja o terreno mais fértil, perfeito para o florescer de uma arte subversiva que busque momentos de liberdade, rompendo com o cotidiano coisificante dos grandes centros e com o preconceito existente entre as classes.

Valcárcel (2005) também reflete sobre a distribuição da ética e da estética, segundo a qual a sociedade espera do excluído, demarcado por sua estética marginal, a mesma ética adotada pelos que excluem. Segunda a autora (2005, p. 67), essa cobrança ética se dá porque a estética custa dinheiro, mas a ética pode ser encontrada até mesmo nos locais mais pobres e desvalorizados perante a sociedade capitalista.

Desvalorizar o poder do dinheiro na fabricação do objeto estético não é possível. E o que vale para a grande arte vale para o gosto em geral. Certo é que existem estéticas marginais nas sociedades macrourbanas e que, em certas ocasiões, extrapolam, por esnobismo, os estilemas do conjunto social. Do mesmo modo, é certo que a ética é cara: deve-se ter saído dos limites mínimos da sobrevivência para possuí-la. No entanto, por meio das formas normativas comuns, a ética tende a uma repartição equitativa da possibilidade de bem para cada sujeito. A estética não faz o mesmo.

Além de afrontar as relações éticas e estéticas da sociedade contemporânea, a pichação também se torna um problema para a comunicação de massa mercadológica. Seja em muro ou no alto de prédios, com rolo de espuma ou spray, o Tag Reto é uma constante em São Paulo.

Por estar sempre presente em espaços urbanos, compete diretamente com a comunicação de massa tanto de sinalizações da cidade como também das propagandas. Nesse combate, realizado numa sociedade que privatiza a ética e coloca a própria razão a serviço dos interesses do capitalismo, não é preciso reforçar que a pichação seja considerada o elemento que representa o que há de mais feio na cidade, transcendendo a poluição visual.

É comum ver campanhas publicitárias e noticiários que colocam sobre a pichação a responsabilidade de diversos problemas sociais, como roubos e drogas. Da mesma forma, para a maioria das pessoas, a pichação enfeia a cidade, mas é preciso lembrar que essas pessoas, na realidade, podem ter um entendimento equivocado da pichação, tanto no que se refere à leitura, quanto no sentido estético. Muitos pichadores acreditam que essa dicotomia é o grande trunfo que mantém a pichação viva. Alguns até mesmo se atrevem a profetizar que, no dia em que a pichação for aceita pela sociedade, ela deixará de existir.

Em contrapartida, alguns designers, como o próprio Gustavo Lassala, consideram a pichação de São Paulo não somente uma expressão artística, mas também uma fonte de alto padrão para estudos tipográficos. Mas isso não interfere no fator que mais incomoda a população: a sua não comunicação com os transeuntes. Em outras palavras, a pichação faz exatamente o inverso da comunicação de massa dos grandes centros. Esta última, que constitui a comunicação da indústria cultural e da razão instrumental, é cada vez mais mastigada para o entendimento da massa. Já a pichação não quer se comunicar, não busca entendimento.

Apesar disso, enganam-se aqueles que interpretam a não-comunicação conferida na pichação como uma imperícia ou simples “relaxo”. A não-comunicação da pichação é proposital, ela possui uma gramática própria, uma linguagem sua, fechada em si mesma, com sentido apenas para pichadores e espectadores dispostos a realizarem o movimento mimético proposto por Adorno. Esse movimento de imersão no universo artístico feito por não pichadores fica claramente ilustrado no depoimento do fotógrafo João Wainer, no livro *Ttsss... A Grande Arte da Pichação em São Paulo* (BOLETA, 2009):

Aprendi, fotografando os pixadores, a ler aquelas letras nas paredes até então incompreensíveis para mim. Era como se eu morasse na China e não soubesse ler chinês. Tantos anos rodando pelas ruas de SP e eu sem perceber a dimensão da batalha noturna que acontecia debaixo dos meus olhos por muros melhores e mais altos para pixar.

Quando comecei a entender o que significava aquilo, vi São Paulo com outros olhos e achei bonita a feiura da cidade.

Concluindo esta análise do Movimento Pixo, desenvolvida com base no ponto de vista expresso por Adorno em sua Teoria Estética, para compreender a pichação como arte, é preciso aproximar-se dela de forma não violenta, de forma afetuosa. É necessário que essa aproximação não oprima a arte e que constitua um movimento pacífico de contemplação, que não imponha nem exija nada do outro. Só assim é possível despertar o afeto necessário para uma experiência estética verdadeira, libertadora e prazerosa, olhando para o lado feio da cidade e enxergando a sua beleza.

Era sábado de manhã em uma grafite shop, uma loja especializada na venda de materiais para arte de rua. Vários amigos se encontraram lá e conversavam sobre a vida e algumas intervenções entre grafite, stencill e até mesmo pixo. De repente, chegou um rapaz na loja conhecido de muitos ali. Ele estava com a mão enfaixada, inchada, com o dobro do tamanho normal. Ele também tinha ódio nos olhos. O balconista foi atendê-lo e ele pediu alguns sprays. Seus amigos percebendo que havia algo errado, perguntaram-lhe o que havia acontecido, foi então que ele contou.

Na noite passada, ele estava em um dos seus corres, pixando alguns prédios da cidade. No final da noite foi surpreendido pela polícia. Foi colocado na viatura policial e levado para um local afastado. No meio de uma rua deserta, os policiais o fizeram descer e tomaram seu spray. Achou que naquele momento os policiais o pintariam com toda a tinta que havia sobrado em seu spray, como já tinha ouvido falar em histórias de pichadores.

Foi quando os policiais decidiram guardar o spray e pediram para que ele mostrasse a mão direita. “Estica o braço”, gritou um dos policiais. Quando esticou, antes que pudesse reagir ouviu um barulho ensurdecedor, um dos policiais atirou bem na palma de sua mão. Nesse momento ele esqueceu os sprays, esqueceu onde estava e até mesmo os policiais. A dor foi subindo pelo seu braço. Ajoelhou-se no chão. Não sabe ao certo, mas acredita que ficou lá ajoelhado uns dez minutos antes de retomar a consciência. Nesse tempo, os policiais foram embora.

Tirou sua camisa, amarrou na mão para conter o sangramento e caminhou pela madrugada até descobrir em que parte da cidade estava. Conseguiu chegar em um hospital onde passou o resto da madrugada. Segundo o médico o ferimento não deixaria sequelas. Passado o susto, veio a raiva. Agora ele estava ali na loja para comprar mais sprays. Disse que hoje mesmo iria pra rua terminar o que tinha começado e fazer ainda mais tags.

Ainda não o vi novamente, não sei o que aconteceu. A única certeza que tenho é que ele saiu daquela loja com três sprays e uma vontade de pichar o mundo todo.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Cá estamos nos arrastando pelas rachaduras nos muros da igreja, estado, escola e fábrica, todos os monólitos paranoides. Cortados da tribo por uma nostalgia furiosa, escavamos em busca de palavras perdidas, bombas imaginárias.” (BEY, 2003)

Ao que podemos concluir, a arte e a moralidade da sociedade contemporânea são conflitantes. E isso não acontece por acaso, pois a proposta da arte contemporânea é ser mais do que uma nova possibilidade de interpretação, é constituir uma possibilidade que negue a realidade e o status quo vigente. É possível que o fato de considerar a pixação uma forma de arte desenrole discussões infinitas, transformando o consenso numa questão particular. Mas, então, como ficaria o papel das instituições que trabalham com as artes? Poderiam ser acusadas de apologia ao crime? Ou, caso não incluam a pixação em seus catálogos, poderiam ser acusadas de estar favorecendo e desprestigiando diferentes formas de arte?

Ao longo de todas as linhas escritas até aqui, podemos pinçar dois problemas filosóficos: a arte e o crime. De forma simplista, o que podemos ver nas políticas públicas adotadas pelo Estado de São Paulo é que esses dois problemas são colocados em uma mesmo recipiente, buscando-se uma só solução para ambos. Ora se propõe o graffiti como uma espécie de clínica de reabilitação para pichadores, ora se impõem fortes repreensões ao crime. O detalhamento dessa pesquisa, separando aspectos éticos e estéticos, são fundamentais para que nós possamos enxergar as diferentes faces do Movimento Pixo e para que possamos vislumbrar seu cenário por diferentes ângulos. Só a partir daí é possível propor alguma solução, se é que ela existe.

Da mesma forma, acredito que a questão penal da pichação também deve ser trabalhada separadamente, evitando ruídos, evitando que sentidos estéticos se coloquem sobre a ética. Um exemplo disso está na redução simplista que encara a pichação como um simples crime ambiental e um vandalismo gratuito, tática que faz com que o combate à mesma se transforme em um ciclo infinito, perpassando por gerações. Há os que defendem a repressão forte, outros que defendem ações socioeducativas, mas, até o momento, poucas são as soluções realmente eficazes encontradas. Como já dito, os próprios pichadores consideram a pichação um sintoma de pele de uma sociedade doente. Então, talvez seja preciso deixar de lado os preconceitos e imergir nessa realidade “doente” para que se torne possível fazer um diagnóstico e, quem sabe, descobrir a real ligação da pichação com outros crimes, as motivações do criminoso etc.

Ainda existe uma forte possibilidade de que esse diagnóstico seja inútil, que a pichação seja um vírus mutante que, assim como conta a história, perdura desde os tempos do Império Romano, quando pessoas pichavam o muro como forma de protesto contra a dominação romana. Assim, a pichação não representa uma atividade inerente ao ser humano, mas uma prática largamente divulgada entre comunidades marginalizadas ao longo da nossa história, comunidades que vivem do lado de fora dos muros.

E quanto à questão da arte? Acredito que a não aceitação da pichação como movimento artístico é algo que deve ser trabalhado separadamente por cada indivíduo.

Não para que cada um se torne cúmplice ou complacente com uma ação ilegal, mas para que possa ampliar seus horizontes e enxergar mais longe no Mundo das Artes Contemporâneas, buscando para si mesmo novas experiências

estéticas capazes de libertar sua concepção de arte e até mesmo abrir novas possibilidades para sua existência. Afinal, o processo mimético proposto por Adorno nos leva para uma experiência estética individual e nova. Esse processo mimético propõe que cada indivíduo, de forma afetuosa e pacífica, se aproxime da pixação, esquecendo as leis da sociedade e buscando compreender as leis propostas pelo projeto artístico do Movimento Pixo. Somente depois desse movimento de aproximação, cada pessoa conseguirá enxergar a pixação por um novo prisma, em um universo com novas regras, leis independentes seguidos à risca pela obra de arte. Essa experiência estética também permite que cada indivíduo possa correlacionar a pixação com sua vivência empírica, e então, encontrar suas próprias conclusões acerca desse movimento. Como já foi visto, o fato de a pixação não ser considerada arte não mudará a realidade que nos cerca, mas apenas fechará o entendimento e a existência do sujeito para novas possibilidades. Possibilidades essas que podem muito bem serem ignoradas por qualquer ser humano livre para fazer suas escolhas, mas que nunca devem ser proibidas por um indivíduo em relação a outro, principalmente se aquele que proíbe não dignou a si mesmo a fazer uma reflexão mais aprofundada acerca do assunto.

É possível também encontrar aqueles que delimitam a Teoria Estética de Adorno no tempo e no espaço, colocando em dúvida a aceitação do próprio filósofo em relação ao caráter artístico da pixação. Por trabalhar sempre com artes eruditas, como a música clássica, é possível traçar um perfil pessoal do filósofo como um admirador das artes tradicionais e clássicas. Porém, é preciso lembrar que embora devamos contextualizá-los historicamente, os conceitos filosóficos não se encerram em seu tempo. Se fosse assim, o que seria daqueles que dizem ter nascido póstumos, como

Nietzsche? Congelar a Teoria Estética de Adorno provavelmente nos faria cair no erro das teorias essencialistas da arte às quais o próprio filósofo sempre se mostrou contrário. Segundo Adorno (1970, p. 12), “a crença segundo a qual as primeiras obras de arte são as mais elevadas e as mais puras é romantismo tardio.”

É fato que na sociedade contemporânea não exista um consenso entre aqueles que defendem a pixação e os que a condenam. Facilmente podemos encontrar outros grupos que ignoram o assunto ou que apenas desejam deslegitimar a pixação como arte, seja por um senso estético ou defendendo o argumento de que ela está enquadrada no código penal como crime ambiental. Mas o principal objetivo desse livro é mostrar que, independente de todas as polêmicas, a pixação apresenta originalidade, autonomia e um plano estético que a torna marginalizada não somente no mundo das artes como também no mercado. Assim como é inútil profetizar acerca das artes, também pode ser uma armadilha profetizar a respeito da pixação e seus fins, tanto artísticos quanto criminosos. Antes de qualquer coisa, é preciso decifrar os rabiscos. Afinal, o rabisco que parece ser um simples desvio de caráter ou um problema moral, pode ser a parte visível de um estatuto artístico que coloca a pixação lado a lado com as vanguardas artísticas contemporâneas, tanto nas bienais quanto na concepção de todos aqueles que se propõem a mergulhar nesse universo de rabiscos e ganhar a senha do Movimento Pixo.

“Poraki, meu nego, tudo é grego:

DECIFRA OS PIXADORES OU ELES TE DEVORAM!”

(BOLETA, 2009)



Foto de Juan Jose Rodriguez / Iberian Proteus
www.iberianproteus.com

Citação de José Saramago grafitada numa parede em Lisboa, Portugal, fotografada em 2011.
“O caos é uma ordem por decifrar”.



ENTREVISTA PIX-O: GUTO LAK'DOS

A entrevista abaixo foi retirada do Blog Pix-o, do Leandro Franco Rodrigues, que faz um excelente trabalho de cobertura e divulgação da arte urbana, mas precisamente a pichação e grafite. Se quiser conhecer melhor o trabalho dele, acesse o link <http://pix-o.tumblr.com/>. Por uma questão de respeito e admiração ao trabalho realizado no Pix-o, resolvi reproduzir a entrevista na íntegra.

A entrevista hoje é com um cara que eu admiro e tenho um grande respeito. Ele e tantos outros representam e muito as ruas. Os trampos, a caligrafia e, sobre tudo, a HUMILDADE. Guto é de Curitiba, mas atualmente mora na Baixada Santista. Se considera pixador a partir de 2006 “antes disso era só mulecagem”.

Pix-o: O que você assina nas ruas?

LAK'DOS: Primeiramente não misturo uma coisa com outra. PIXO é PIXO. BOMB é BOMB. Na pixação faço LAK'DOS. Nos throw ups já fiz vários nomes: GUT, OKAY, IR. E agora to fazendo a saga LAKIS hahaha.

Pix-o: E que motivo o fez buscar a pixação/graffiti?

LAK'DOS: No começo por molecagem. Agora pura e, simplesmente, pela adrenalina. Pela superação dos limites e pelas amizades!

Pix-o: Quais são os picos que você mais gosta de pegar?

LAK'DOS: Brizo nas janelas e nos trens...

Pix-o: Conte a história de algum rôle ou parceria que marcaram sua vida.

LAK'DOS: Todos os roles com amigos e parças sempre ficam na memória. Mas um role marcante foi em uma trip pra Floripa com os amigos Tox, Oper e Brunão Abs. Quando estávamos descendo a serra, inventamos de fazer um muro de contenção na rodovia uns 3km antes de um pedágio. Como era fim de ano, o trânsito tava bem carregado, e fluindo muito devagar. Suave, fizemos o role, registramos, recolhemos o material e a hora que fomos pro carro, encostou um carro da Ecovias, o cara desceu bateu umas fotos, aproveitamos a "brexa" e saímos fora. Chegando na fila do pedágio, que tava gigante, começamos a notar uma movimentação estranha dos funcionários. Vários carros da empresa saindo e chegando, e até um helicóptero descolou deu uma volta para o lado que estávamos, deu mais uma volta lá pro lado do muro, e pousou. Até aí tranquilo! Chegou nossa vez no pedágio, pagamos normalmente,

e ainda brinquei com a mulherzinha: ‘Se liga heim, tem uns cara aí que tão pixando tudo na rodovia’. Mas ela não achou graça, acho que já sabendo o que iria acontecer. Subiu a cancela, e nós estávamos saindo.. e vem 2 PRF entre os carros com as quadrada na mão nos abordando, mandando sair do carro e deitar no chão... o pedágio parou pra ver hahahaha. Depois da revista e de levar o carro pro acostamento, aí os cara falaram falaram falaram... de repente os cara sai fora com a chave e os doc do carro e pede pra gente esperar, (como se tivesse outra alternativa né hahaha), isso eram umas 16hs, aí espera espera espera.. aí nós já desenrolo com os cara do pedágio, e os cara falo que tinha acontecido um acidente foda ali perto... resumindo os PRF nem voltaram, mandaram a chave e os doc com a ambulância do pedágio que foi lá fazer o socorro, mas isso já eram umas 22hs. Entramos no carro e fomos embora. A hora que eu abro a caixa de isopor pra tomar aquela gelada depois do perreco, cadê as breja??? Os PRF RATIARAM A NOSSA CERVEJA. A caixa que tava cheia, tava vazia hahahaha...”

Pix-o: Na pixação ou no graffiti, quem você admira?

LAK'DOS: Ouvi falar muito do Note, Hell, Jappa Kamikase entre outros mais antigos. Mas que eu realente eu vi e achava irado é são Cretinos, Os Careta, Poétas, Some... é até engraçado falar disso, porque antes eu admirava esses roles e hoje tenho a honra de sempre tá junto e fazer as mesmas grifes que eles fazem, PIXADOR DE 5 ESTRELAS e A PIADA É VOCÊ.

Pix-o: Nas ruas sempre tem uma história de algum trampo de pixadores ou grafiteiros que foi atropelado por um ou por outro. Na sua opinião, hoje em dia existe união entre pixadores e graffiteiros?

LAK'DOS: Acho que mais importante que a união, é o RESPEITO entre pixadores e grafiteiros. Pois a coisa mais CHATA que existe é você se arriscar, fazer o rabisco e passar lá outro dia pra ver e algum grafite frufriu te atropelou... e na grande maioria das vezes, autorizado!

Pix-o: Sempre existiu treta nas ruas. Algumas com grande repercussão. Você possui atualmente ou já teve alguma treta com outros pixadores ou aliança?

LAK'DOS: Treta sempre tem né, motivadas principalmente por inveja. Mas isso é normal, só é invejado quem se destaca. É necessário aprender a lidar com isso. Mas, graças a DEUS, acho que sempre fiz mais amigos, do que “inimigos”.

Pix-o: O que um bom artista de rua precisa ter, para ser bem sucedido em seu meio?

LAK'DOS: Talendo, humildade e contatos bons hahahaha.

Pix-o: Atualmente a pixação e o graffiti vem sendo divulgado com mais frequência na mídia e em outros mecanismo de divulgação, com exemplo de outros pixadores e graffiteiros que conseguiram achar no seu divertimento um mecanismo de trabalho, o que você acha disso?

LAK'DOS: Acho sensacional, viver fazendo o que gosta. Mas digamos que há um limite. Sou totalmente contra a domesticação da pixação... Tomara que não aconteça como o grafite, que infelizmente, grande parte dos grafiteiros já foi domesticado...

Pix-o: Como todos sabem, fazer arte em muro alheio, AINDA é proibido, podendo gerar uma “ficha suja”. Você já teve algum problema com a Justiça? Assinou algum artigo?

LAK'DOS: Quem tá na chuva, as vezes se molha né hahaha. Tenho vários processos já, mas os de pixação são os “menores” hahahahaha

Pix-o: Além da pixação quais são suas outras atividades?

LAK'DOS: Tenho uma vida normal: família, emprego, amigos...

Pix-o: Pixação e família nem sempre tem uma relação muito boa. Tua família sabe que você faz pixação?

LAK'DOS: No começo foi difícil. Já perdi trampo, já perdi noiva, mas acho que é porque eu levava muito a sério. Hoje em dia consigo equilibrar mais as coisas. O da hora da pixação é você dominar ela, não ela te dominar, como qualquer outra droga né.

Pix-o: Como em quase tudo na vida, na pixação existem dois lados. O lado bom e o ruim. O que a pixação te proporcionou e no que ela te prejudicou?

LAK'DOS: Agradeço a DEUS todos os dias pelos amigos que fiz através da pixação. Pessoas de várias partes do Brasil que eu não imaginaria nunca conhecer se não fossem os rabiscos. Na real, acho que esse é o MAIOR legado da pixação, pois os rabiscos somem, as amizades verdadeiras não.

Pix-o: O que você diria para os que estão começando agora?

LAK'DOS: Respeitem os mais velhos e risquem bastante agora no começo, porque depois que os anos vão passando, a appetite não some, mas diminui bastante! Hahahahaha

Pix-o: Eu queria agradecer, primeiramente, pela humildade. Agradecer pela disposição e pelo tempo cedido respondendo essa entrevista. Pra terminar deixe um recado pra quem estiver lendo tua entrevista.

LAK'DOS: Tenha HUMILDADE, esse é o princípio de tudo. Acredite em você, porém saiba de seus limites... Cultive as amizades que criar na pixação, porque isso é o que mais importa... e se um dia você tiver um role “respeitado”, nunca desmereça ninguém. Afinal, o que você pensava das pessoas que te desmereciam...

E aquele salve pros meus parças né: POÉTAS, CRETINOS, OSCARETA, PANIBOÏ, OGROS, P'NETRAS, VANDALIZE, DANE-SE, PSC, SARNAS, HITS, PERIGO, ANOR+, SUINOS, KBÇAS, LSD, ITENS, MIRDOS, A-CORJA, SINÏ, BÏ INF, AVC, CVG, IR, AMOELAS, CALIGRAFIA AFIADA, ARRANK-RABO, VDLOS, MESMOS, ATOS, FMPM, ABC, SOHK e mais a rapa, que infelizmente, eu não lembrei, a queima constante de neurônios dá nisso né?! kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk

O OBJETIVO DA ENTREVISTA É CONHECER E RECONHECER QUEM ASSINA OS MUROS. HUMILDADE E RESPEITO SEMPRE!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. Teoria Estética. Lisboa: Edições 70, 1970.

BARCHI, R. AS PICHANÇÕES NAS ESCOLAS: uma análise sob a perspectiva da educação ambiental libertária. 2006 137f. Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de Sorocaba. Sorocaba – SP

BEY, H. CAOS: Os Panfletos do Anarquismo Ontológico. São Paulo: Conrad Editora, 2003.

BIENAL, FUNDAÇÃO. Catálogo da 29ª Bienal de Artes. São Paulo, 2010.

BOLETA, D. Ttsss... A Grande Arte da Pixação em São Paulo, Brasil. São Paulo: Editora do Bispo, 2009.

LASSALA, G. PICHANÇÃO NÃO É PIXAÇÃO. Uma introdução à análise de expressões gráficas urbanas. São Paulo: Altamira Editorial, 2010.

MEDEIROS, L. Nike aceita o desafio DETOX. São Paulo: Greenpeace, 2011. Disponível em <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Blog/nike-aceita-o-desafio-detox/blog/36400/>. Acesso em: 09 de set. 2012.

PIZA, S. Da (im)possibilidade da ética, da política e da liberdade na modernidade. In: PANSARELLI, Daniel. Curso

PIXAÇÃO: A arte em cima do muro

(In)Completo de Filosofia. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p.101-110.

REGIS, J. A Crise do Objeto de Arte. In: PANSARELLI, Daniel. Curso (In)Completo de Filosofia. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p. 149-158.

_____. Arthur Danto e o fim da arte. In. Revista Filosofia. São Paulo: Editora Escala, 2010. Disponível em: <http://filosofia.uol.com.br/filosofia/ideologia-sabedoria/27/artigo191880-1.asp>. Acesso em: 09 de set. 2012.

TAYLOR, R. L. Arte inimiga do povo. São Paulo: Conrad Editora, 2005.

TYPOGRAFF. NUNCA cria Coleção para Nike. São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.typograff.com/index.php/2010/05/nunca-cria-colecao-para-nike/>. Acesso em: 09 de set. 2012.

VALCÁRCEL, A. Ética contra Estética. São Paulo: Perspectiva: Sesc, 2005.

WOLLHEIM, R. A arte e seus objetos. São Paulo: Martins Fontes, 1994.



A PICHASÃO É UMA FORMA DE ESCRITA PRESENTE EM GRANDE PARTE DOS MUROS E PRÉDIOS DOS CENTROS URBANOS BRASILEIROS, UM FENÔMENO QUE INCOMODA MUITAS PESSOAS, INCLUSIVE AS AUTORIDADES PÚBLICAS, POR SE APRESENTAR COMO UMA EXPRESSÃO DE ESTÉTICA MARGINAL, ILEGÍVEL PARA A MAIORIA.



9 788568 845011